

Encontro-te de novo em meu caminho!  
 És sempre a mesma – fria e indiferente;  
 tendo no olhar o mesmo brilho aligente,  
 sem um raio de amor ou de carinho.  
 Achas-me em teu caminho novamente!  
 Sou sempre o mesmo – frágil e mesquinho;  
 trazendo n' alma o mesmo desalinho  
 e no meu peito o mesmo fogo ardente.  
 E nosso olhar se encontra enfim. Anseio  
 ofegante de amor e de receio!...  
 Impassível (até custa dizê-lo)  
 tu me fitas co' a mesma indiferença,  
 assassinando minha velha crença  
 co' a fria luz de teu olhar de gelo.  
 Osman Assunção 1895-1925, Frieza

Contam que um persa (ou árabe) possuía,  
 oculta num desvão de selva umbrosa,  
 grande, imensa riqueza, fabulosa!  
 Ouro em barras, montões de pedraria!...  
 Muitas vezes por simples fantasia,  
 vinha e, a rezar palavra misteriosa  
 à porta de uma gruta silenciosa,  
 ela, em rubis e perolas se abria...  
 Também o coração, como essa gruta,  
 se a voz do amor – o grande mago – escuta,  
 rebenta em fogos de cristais dispersos;  
 abre-se em rosas de esmeraldas e ouro,  
 flore, fulge e transluz, feito em tesouro,  
 todo em milhões de Lágrimas e Versos!  
 Ottoniel Menezes 1895-, Sésamo!

Eu tenho um Cristo de marfim na sala,  
 com tal arte esculpido no marfim,  
 tão pálido, tão triste que me fala  
 com os olhos, de uma dor que não tem fim:  
 – “Homem! a minha angústia não se iguala!  
 Eu trago tanto fel dentro de mim!  
 Sofri para remir-te e, nem assim,  
 mereço o último alívio de uma vala!  
 E dei a vida para dar-te vida!  
 Tenho o corpo chagado, a alma ferida!...  
 A humanidade? eu não pude salvá-la;  
 morri por ela! E agora ainda por fim  
 crucificam-me em cruzes de marfim,  
 entre as quatro paredes de uma sala!... –”  
 Atílio Milano 1897-1955, O inseputo

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XV, Nº 04 – 2011 ABRIL  
 Assinatura até 31.12.11: 8 selos postais de 1º Porte Nacional  
 Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.  
 Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!  
 www.haicu.sf.nom.br

púdicas flores derramando graças,  
 cristianas alegrías sevillanas.  
 Venid, entrad mejor que a las casetas,  
 en las íntimas casas sevillanas.  
 Las niñas de la casa, – Luz, Rocío –  
 van a bailar las cinco sevillanas.  
 Ved cómo se entreabren y entrecierran  
 tirsos, capullos, ramas sevillanas,  
 Gerardo Diego 1896-1987, Sevillanas,  
 Versos Escogidos, 1970  
 Editorial Gredos, S.A., Madrid

Edgard Rezende, Os mais belos sonetos brasileiros 2ª Edição, 1947  
 Casa Editora Vecchi Ltda. – www.estantevirtual.com.br

A quaresmeira ciciz,  
 vencida aos caprichos mil  
 da brisa que acaricia  
 as suas flores de Abril.  
 Dorothy Jansson Moretti, 1004  
 Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º  
 01501-030 – São Paulo, SP

A democracia é intensa,  
 de constante alvorecer,  
 quando a voz da sua imprensa  
 exerce o quarto poder.  
 Eduardo A. O. Toledo, 1103;  
 Trovia: alu@mgalink.com.br  
 Visite: www.falandometrova.com.br

Sereno da madrugada,  
 velas afoitas ao mar...  
 na poesia de uma vaga,  
 no medo de não voltar...  
 Luiz L. Arruda, 1101  
 Binóculo  
 jbatista@unifor.br

No cemitério, ele pasma  
 ao ver à noite a mocinha:  
 – Não tem medo de fantasma?  
 – Quando eu era viva, eu tinha!  
 Renata Paccola, 1102  
 O Patusco: Caixa Postal 95  
 61600-970 – Caucaia, CE

Na família, pais e filhos  
 são vagões de um mesmo trem...  
 Quando um deles sai dos trilhos,  
 arrasta os outros também.  
 Sérgio Bernardo, 1101  
 Literarte-SP  
 literarte\_sp@ig.com.br

Comparo a um pano rasgado  
 esse amor ao qual me rendo.  
 Quando parece acabado,  
 um de nós ... faz um remendo!  
 Therezinha Brisola, 1101, Trinos  
 do Pitiguari, R.Guanabara 542  
 59014-180 – Natal, RN

O choro de uma criança  
 à luz do primeiro dia  
 é uma canção de esperança,  
 é a mais linda melodia!

O carro de bois dolente  
 canta e geme em seu labor...  
 Assim o peito da gente  
 quando faz versos de amor!

Quando a saudade campeia  
 e os olhos se fazem mar,  
 há milhões de grãos de areia  
 nas dunas do recordar.

Ter fibra é sorrir na mágoa,  
 opor, ao mal, sempre o Bem:  
 no fogo do ódio pôr água  
 quando o incêndio nos convém...

Trabalho não intimida  
 quem enfrenta os seus rigores.  
 E é bom que sejas na vida  
 o melhor no que tu fores!

Deus ao homem, cada dia,  
 dá a sua preocupação,  
 mas há quem perca a alegria  
 por males que nem virão.

Maria Thereza Cavalheiro, Trovas para refletir, 2009 – Correspondência: Maria Thereza Cavalheiro, CP 1944 Agência Central. 01059-970 – São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.04.11, enviar até 3 haicus de quigos: Árvore desnuda, Macaxera, Praia de Inverno.  
 Até o dia 30.05.11, enviar até 3 haicus de quigos: Nêspira, Neve, Vaquejada.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
 Rua Des. do Vale 914, Ap 82  
 05010-040 - São Paulo, SP  
 ou mfmendez@superig.com.br

Em vez de eliminar o trem, por que não substituir só a letra q pela c?



## QUIDAI S DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Toco de cigarro...  
 Do espantallo resta a cruz,  
 da lavoura... nada...  
 Darly O. Barros

Quaresmeira em flor  
 anunciando vigília –  
 período pascoal.  
 Edel Costa

Petizada xinga  
 cantárida de intocável  
 maria-catinga.  
 Fernando L. A. Soares

Maria Fumaça,  
 Dia do Ferroviário.  
 Vibração nos trilhos.  
 Fernando Vasconcelos

Maravilhoso dia.  
 Noite comprometida  
 fina bruma cai.  
 Flávio Velasco

O gafanhoto deu  
 uma salto tríplice e caiu  
 sobre suas asas.  
 João Elias dos Santos

Canteiro encharcado  
 semana chuvosa, fria,  
 maltrata os crisântemos.  
 Olga Amorim



## HAICUS E M FOLHA

Enfeitando a rosa  
 gota de orvalho brilhando  
 na manhã de sol. D  
 Alba Cristina  
 Chão umedecido.  
 Sobre as pétalas das rosas  
 o orvalho escorrendo. D  
 Analice Feitoza de Lima  
 Domingo de Ramos.  
 E em meio à igreja lotada  
 palmas tremulando. G  
 Analice Feitoza de Lima  
 Vai amanhecendo.  
 Os diamantes do orvalho  
 enfeitam as plantas. D  
 Angelica Villela Santos

Igreja enfeitada  
 pelas folhas de palmeira.  
 Domingo de Ramos. G  
 Argemira F. Marcondes  
 A chuva passou,  
 um raio de sol dá brilho  
 no orvalho da folha. X  
 Argemira F. Marcondes  
 Banhistas curiosos.  
 Rede cheia de sardinhas,  
 pescaria boa. G  
 Cecy Tupinambá Uhlóa  
 De xale no ombro,  
 vodó vai à missa.  
 Domingo de Ramos. S  
 Cecy Tupinambá Uhlóa

Cintila ao sol  
 a gota de orvalho.  
 Beija-flor esvoaçã... S  
 Cecy Tupinambá Uhlóa  
 Pousada na flor  
 borboleta colorida  
 suga o orvalho. A  
 Denise Cataldi  
 Golfinhos perseguem  
 o cardume de sardinhas  
 – lauta refeição. G  
 Denise Cataldi  
 Domingo de Ramos.  
 Devotos fazem, na igreja,  
 uma procissão. G  
 Djaldal Winter Santos

Pescador, contente,  
 vê cardume de sardinhas.  
 Lança a rede ao mar... G  
 Djaldal Winter Santos  
 Igreja lotada.  
 Fieis fazem orações.  
 Domingo de Ramos. G  
 Flávio Ferreira da Silva  
 Noite fria  
 dia claro  
 orvalho nas folhas. G  
 Iracema Gomes  
 Sobre a folha  
 antes do amanhecer  
 gota de orvalho. G  
 Larissa Lacerda Menendez

Prateadas sardinhas  
 na barraca da feira  
 resplandecem. X  
 Larissa Lacerda Menendez  
 Da folha  
 a gota pinga, vem outra.  
 Orvalho. G  
 Manoel F. Menendez  
 Surge a procissão,  
 folhas de palmeiras agitam  
 nas mãos dos fiéis. S  
 Maria App. Picanço Goulart  
 Ao raiar do dia  
 bimbalham sinos na aldeia.  
 Domingo de Ramos. A  
 Neuza Pommer

Festa na vizinha.  
 Os convidados disputam  
 patê de sardinha. S  
 Neuza Pommer  
 Manhã de sol,  
 descubro brilhos nas folhas.  
 Orvalho. X  
 Neuza Pommer  
 Pescador feliz –  
 depois de uma longa espera,  
 sardinhas na rede. G  
 Renata Paccola  
 Guri passa o dedo  
 sobre o vidro do automóvel  
 e escreve no orvalho. G  
 Renata Paccola

Domingo de Ramos –  
 fiéis agitam os galhos  
 na celebração. S  
 Renata Paccola  
 Sol de Primavera.  
 Uma pétala de rosa  
 com gotas de orvalho. A  
 Roberto Resende Vilela  
 À boca da noite,  
 pescador recolhe a rede  
 cheia de sardinhas. X  
 Roberto Resende Vilela  
 Repique de sinos.  
 Mensagens de amor e paz.  
 Domingo de Ramos. X  
 Roberto Resende Vilela

## O J A R D I N E I R O T I M Ó T E O

O casarão da fazenda era ao jeito das velhas  
 moradias coloniais: – frente com varanda, uma  
 ala e pátio interno. Neste ficava o jardim,  
 também à moda antiga, cheio de plantas antigas,  
 cujas flores punham no ar um saudoso perfume  
 d'antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava  
 dos canteiros o bom Timóteo, um preto branco  
 por dentro. Timóteo o plantou quando a fazenda  
 se abria e a casa inda cheirava a rebeco fresco e  
 tintas d'óleo recentes, e desd'ái – lá se iam  
 quarenta anos – ninguém mais teve licença de

Obras-Primas do Conto Moderno, Almir Rolmes Barbosa/Edgard Cavalheiro, 1944, Livraria Martins Editora – www.estantevirtual.com.br

pôr a mão em “seu jardim”.  
 Verdadeiro poeta, o bom Timóteo.

Não desses que fazem versos, mas dos que  
 sentem a poesia fazer das coisas. Compusera,  
 sem o saber, um maravilhoso poema, onde cada  
 plantinha era um verso que só ele conhecia,  
 verso vivo, risonho ao re florir anual da prima-  
 vera, desmedrado e sofredor quando junho  
 sibilava no ar os látigos do frio. O jardim  
 tornara-se a memória viva da casa. Tudo nele  
 correspondia a uma significação familiar de

suave encanto, e assim foi desd' o começo, ao  
 riscarem-se os canteiros na terra virgem ainda  
 rescedente à escavação. O canteiro principal  
 consagrara-o Timóteo ao “Sinhó velho”, tronco  
 da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta  
 d'alforria muito antes da Lei Áurea. Nasceu  
 feaciro e bonito, cercado de tijolos novos vindos  
 do forno para ali inda quentes, e embutidos no  
 chão como ruda cingulo de coral; hoje, semides-  
 feitos pela usura do tempo e tão tenros que a  
 unha os penetra, esses tijolos esverdecem nos

musgos da velhice.  
 – Veludo de muro velho, é como chama  
 Timóteo a essa muscinea invasora, filha da  
 sombra e da umidade. E é bem isso, porque o  
 musgo foge sempre aos muros secos, vidrentos,  
 esfogueados de sol, para estender devagarinho o  
 seu veludo prenunciador de tapera sobre os  
 muros alquebrados, de emboço já carcomido e  
 todo aberto em fendas.  
 Bem no centro erguia-se um nodoso pé de  
 jasmim do Cabo, de galhos negros e copa domi-

